

**FACULDADE DE NATAL - FAL
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO E GESTÃO DE EVENTOS**

A IMPORTÂNCIA DA CULTURA INTANGÍVEL PARA OS EVENTOS

Wilza Déborah Fernandes de Araújo

**Natal/RN
Outubro – 2008**

RESUMO

O turismo pode ser compreendido como um importante fenômeno socio-cultural nascido das relações entre o homem e o meio ambiente. Entre os diversos campos do turismo, um dos que mais se desenvolvem é o dos Eventos. A análise da cultura intangível local como um instrumento para dinamizar os eventos é o foco deste trabalho. Este estudo pretende demonstrar a importância da cultura intangível local como um recurso de enriquecimento dos eventos. Para esta pesquisa foram utilizadas técnicas de análise de documentos e de leituras bibliográficas pertinentes ao tema

Palavras-chaves: Turismo, Cultura Intangível, Eventos.

RÉSUMÉ

Le tourisme peut être compris comme un important phénomène socio-culturel né des relations entre l'homme et l'environnement. Parmi les plusieurs domaines du tourisme, un des que plus se développent c'est le des Événements. L'analyse de l'héritage intangible local comme un instrument pour dynamiser les événement est le but de ce travail. Cet étude prétend démontrer l'importance de l'héritage intangible local comme un recours d'enrichissement des événements. Pour cette recherche ont été utilisées des techniques d'analyse de documents et de lectures bibliographies pertinentes au sujet

Mots-clefs : Tourisme, Événements, L'héritage intangible

1 - INTRODUÇÃO

O Brasil está em um processo de valorização e resgate do seu patrimônio histórico-cultural, seguindo a tendência mundial, pois não se pode compreender a atividade turística sem associá-la à utilização sustentável do patrimônio histórico, cultural e ambiental.

A cultura brasileira é caracterizada por sua diversidade étnica regional, pela riqueza de suas cores, seus cantares e seus gestos. O patrimônio cultural é formado por bens culturais que se originam do homem em seus aspectos emocional, intelectual e material junto a todas as coisas vindas da natureza. Assim, ele está agrupado em quatro categorias: os *bens materiais*, que são as criações do homem; os *bens naturais*, que são elementos ligados à natureza; os *bens intelectuais*, que são o conhecimento do homem para a construção de objetos e o *bem emocional*, que está ligado ao sentimento, aos elementos intangíveis da cultura, caracterizado pelos, conhecimentos, aptidões, hábitos, significados, normas, valores.

Pode-se dizer que patrimônio cultural não é somente bens tangíveis, pois abrange tudo o que se refere à identidade, ação ou memória de uma sociedade, seja ela urbana ou rural, simples ou complexa. Toda sociedade possui valores, padrões, crenças, formas de viver, características que a identifica, formando a chamada identidade cultural que aproxima as pessoas.

A pesquisa feita enfatiza a identidade social coletiva da cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, com o objetivo de estudar o conjunto dos atrativos culturais intangíveis que compõem a potencialidade turística cultural da cidade, para tanto foi feito um levantamento de como está apresentado esse patrimônio, caracterizando e identificando suas principais representatividades culturais intangíveis que podem ser utilizada como diferencial em eventos.

A organização e o planejamento de eventos são de grande responsabilidade, pois tem que atingir as expectativas do promotor e das pessoas que participam deles, pois tudo acontece “ao vivo”, e qualquer falha poderá comprometer o conceito/imagem da organização. De acordo com Cesca (1997) evento “é um fato que desperta a atenção, podendo ser notícia e, com isso, divulgar o organizador”.

Sendo assim, o organizador, além do bom planejamento deve ter uma boa criatividade, para que o evento torne-se um entretenimento audacioso na área em que está atuando. As idéias devem começar com a área de atenção do público, de acordo com Melo Neto (2001, p. 24) “a combinação das áreas de atenção pode ser feita com diversas áreas, como esporte – cultura – negócios – educação”. Utilizando assim a cultura para ligar essa atenção ao tema abordado.

Por isso, podemos identificar que, quando os elementos culturais são utilizados dentro dos eventos acontece uma divulgação dos mesmos, ocasionando o resgate desse patrimônio, valorizando os traços marcantes da localidade em que o evento está sendo realizado, valorizando ainda mais a programação executada.

A cultura está compreendida entre seus traços e complexos, que se subdividem em materiais e imateriais, Noronha (1998, p.61) exemplifica os traços culturais imateriais como:

Exemplo de traços culturais imateriais são os símbolos, as imagens, as palavras faladas ou escritas, as idéias, tomadas isoladamente, mas sempre relacionadas com o acervo cultural de determinado grupo ou sociedade.

A cultura é uma constante preocupação nos tempos atuais, pois está preocupada em entender os muitos caminhos que conduzem os grupos humanos às relações presentes e as perspectivas para o futuro.

Ao longo da história, são registradas as transformações por que passaram as culturas, seja por motivos internos, seja por conseqüências desses contatos.

Ao se focar a cultura, tem-se sempre em mente a riqueza e multiplicidade de formas da existência humana, pois as realidades são

complexas e as características que as unem formam a identidade cultural de um povo.

Santos (1983, p.8) ressalta que

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar e conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções transformações pelas quais estas passam.

Sendo assim, o estudo da cultura colabora no combate a preconceitos, proporcionando um firme respeito e dignidade às relações humanas. Ao se discutir cultura, está se associando uma realidade comum à sociedade, o que a torna uma questão importante que evidencia a necessidade de relacionar as manifestações e dimensões culturais com as diferentes classes sociais e grupos a que constituem. Para tanto, a questão da diversidade cultural está inserida no contexto do Patrimônio Cultural, devendo-se levar em conta sua importância para o desenvolvimento da cultura, tanto material quanto imaterial, e a sua utilização na atividade turística.

Durante a organização e planejamento de um evento, deve-se ter a preocupação de um levantamento do público-alvo para que se possa fazer uma programação eficiente e eficaz para prender a atenção dos mesmos.

2 – DESENVOLVIMENTO

2.1 Diversidade Cultural e Eventos

Contextualizar a cultura intangível potiguar é abrir um leque de opções, procurando traduzi-lo em múltiplos segmentos, como dança, gastronomia, religião, costumes e modo de vida, retratando nas suas formas populares ou clássicas.

Segundo Cascudo, dentro do grande número de influências (árabe, européia, indígena, africana, norte-americana), é que chegamos a um perfil próprio, comum a nós mesmos. Contudo, é preciso maior empenho na disseminação das nossas características, pois é fundamental para a identidade e autonomia de uma nação, região, cidade, distrito ou localidade a conquista da consciência desses referentes.

Para isso, é fundamental a pesquisa e a informação para que se chegue ao saber e conhecimentos das origens e significados para que se tenha prazer no que diz respeito à identidade cultural de um povo. Só através da informação e da vivência é que será verdadeira a consolidação do patrimônio cultural intangível da cidade de Natal.

Quando se refere a evento, devemos destacar a sua importância dentro da atividade turística, pois esse é um setor em constante crescimento devido favorecer aspectos como: Geração de divisas, aumento da média de permanência do turista na localidade, reduz o período de baixa estação e causa um efeito multiplicador, pois na realização de um evento se faz necessárias empresas de vários setores da região. E para que um evento ter um diferencial característico da região utilizamos itens da cultura local, que deve ser bem planejado. Segundo Nakane (2000, p.06) “Em eventos, o profissionalismo aliado a um excelente planejamento são, no meu ponto de vista, o segredo do sucesso”. Por isso a importância do organizador conhecer os traços

culturais da sua cidade. Em Natal, podemos encontrar uma boa representação que podemos utilizar em eventos.

No estudo feito, destacam-se algumas representações deste Patrimônio Cultural Intangível, que podem ser utilizados na operacionalização de eventos como um diferencial da cidade em que o evento está sendo realizado, como:

2.1.1 Dança

O homem utiliza-se do seu instinto para expressar seus sentimentos e foi através da dança em grupo e em círculo ao redor das fogueiras, como um ritual sagrado, que ele agradecia os favores dos deuses, que concebiam boas colheitas, boa caça e pesca.

Segundo Cascudo (1980, p.160) “as danças de pares, homem e mulher juntos, terão pouco mais que quinhentos anos”.

No Brasil, as danças folclóricas estão presentes desde sua colonização, mas só foram consolidadas, na forma atual, no final do século dezoito, início do século dezenove.

A origem das danças folclóricas brasileiras segundo Gurgel (1999) está ligada aos seguintes motivos de inspiração: *a luta contra o infiel*, que retrata, de acordo com os cristãos, a infidelidade dos adoradores de Maomé, a luta da Espanha e Portugal até expulsá-los completamente da Península; *a tragédia do mar*, que reflete as dificuldades dos navegantes no início das grandes navegações; *o nascimento de Cristo*, que retrata a herança do povo português e o amor pela religião cristã, sendo Jesus Cristo o grande motivo de adoração e *morte e ressurreição*, cujos personagens morrem e ressuscitam durante a brincadeira.

De acordo com Gurgel (1999), a dança folclórica no Rio Grande do Norte vem sofrendo um grande descaso, devido à grande influência dos meios de comunicação. Ao longo do tempo, o povo foi perdendo o amor por essa arte, não só como espectador, mas também como participante dessa expressão corporal.

Os poucos que se interessam pela ativação dessa memória vêm sobrevivendo hoje devido à colaboração de algumas pessoas das comunidades, que tentam passar para os mais novos a importância desse bem cultural. Como exemplo dessa dificuldade, pode ser citada a comunidade da vila de Ponta Negra, onde o grupo de dança Boi de Reis não tem apoio do estado, município e nem das empresas privadas, mas sobrevivem da colaboração das pessoas da própria comunidade em que vivem.

Além do Boi de Reis, existe uma infinidade de expressões representadas pelas danças folclóricas que compõem o patrimônio cultural do município, das quais Gurgel (1999) destaca as seguintes:

a) Boi Calemba

É a versão potiguar do Bumba-meu-boi. No início, esse grupo seguia a orientação do Sr. Manoel Lopes Galvão, mais conhecido como Manoel Marinheiro; hoje, ele está representado no Boi de Reis da comunidade da Vila de Ponta Negra, aqui em Natal.

Esta dança apresenta-se normalmente composta de dezessete figurantes, incluídos os músicos do conjunto. As cantigas seguem uma seqüência ao longo do desenvolvimento do espetáculo, na seguinte ordem:

- 1º - Cantos iniciais de saudação
- 2º - Cantigas que antecedem a entrada das figuras
- 3º - Cantigas de cada figura
- 4º - Cantiga do boi
- 5º - Canto de despedida

A dança potiguar não recebe o tratamento que merece. Está distante dos tempos em que o saudoso prefeito de Natal, Djalma Maranhão, promovia os festivais folclóricos a cada fim de ano. Nesses eventos as expressões populares eram mais intensificadas e todas as atenções do país voltavam-se para a cidade de Natal.

Contudo, não pode ser ignorada a importância dessa expressão cultural, mesmo havendo todos esses desafios, pois a dança deste estado desperta a atenção e elogios dos mais famosos folcloristas brasileiros, tais como Mário de Andrade, Théo Brandão e Luís da Câmara Cascudo.

Atualmente, podemos encontrar a apresentação do Boi Calemba através do grupo Boi de Reis, localizado na Vila de Ponta Negra, que procura apresentar-se na maneira mais próxima de como era a dança, em sua forma mais simples.

b) Congos

É uma dança que representa o encontro da embaixada da rainha Ginga, soberana africana, com o rei Henrique Cariongo, o qual tinha por objetivo o trânsito dos soldados da rainha pelas terras do rei, onde o filho dele morre.

Todos os figurantes usam adereços e indumentárias de acordo com o gosto pessoal, seguindo uma linha tradicional. As cantigas seguem a ordem de louvação e saudação e no encerramento as despedidas.

Atualmente, pode-se encontrar como grupo representante de Natal os Congos de Calçolas na Vila da praia de Ponta Negra.

c) Fandango

A dança natalense, ao contrário do seu homônimo do Sul, é uma dança de roda, dançada aos pares e sem representação dramática. É inspirada nas grandes navegações portuguesas, e conta a história de um barco perdido no oceano pelo tempo de “sete anos e um dia”.

O grupo é formado por quarenta pessoas representando a tripulação e os oficiais. Normalmente, na hora da apresentação existe a montagem de um barco no centro do palco. Desde 1998 não há um grupo representando este auto na cidade de Natal.

d) Pastoril

O pastoril da capital do Rio Grande do Norte ainda preserva alguma coisa daquele espírito religioso que o caracteriza através dos anos.

Com seus “cordões” de pastoras azuis e encarnadas, cantam jornadas de saudações ao público, louvação ao Messias e exaltação ao próprio pastoril. Contudo, desde 1998 não se tem notícias de um grupo de pastoril autêntico na cidade de Natal, entretanto, estão presentes no interior do estado em municípios como São Paulo do Potengi, Nísia Floresta e Pedro Velho.

e) Araruna

É um grupo de peculiaridades próprias oficialmente organizado desde 1956 em “Sociedade ARARUNA de danças antigas e semi-desaparecidas”, com sede própria. Retrata a aristocracia dos séculos passados, através de danças como chote, valsa e polca. O acompanhamento é de sanfona e instrumentos de percussão. Os dançarinos não cantam, os cavalheiros usam casacas e cartola e as damas, longos vestidos de saia rodada. O grupo Araruna é um dos orgulhos folclóricos da cidade de Natal.

f) Coco

A dança do coco é representada em uma roda formada por aproximadamente vinte participantes, girando lentamente ao som dos “cocos” improvisados pelos solistas. Inicialmente era feita nos terreiros das casas da cidade. As cantigas, compostas por estrofes, caracterizam-se por um estribilho curto, repetidos pelo grupo inúmeras vezes, enquanto todos dançam no girar da roda.

2.1.2. Gastronomia

O homem é o único animal que aprendeu, depois da descoberta do fogo, a assar a carne crua das caças. Vamos fixar-nos no que é folclórico, o que não é fácil, Cascudo (1980) retrata na alimentação popular brasileira, os gêneros e as técnicas da elaboração culinária dos indígenas, portugueses, africanos, todos formam o complexo de superstições e amuletos benéficos, vistos nas velhas cozinhas domésticas.

Todas as iguarias têm histórias, que vêm se prolongando através dos anos, séculos. O cardápio brasileiro é uma incessante manobra aquisitiva de valores: ao africano ajustava-se o sabor, o tempero português atendia às exigências européias, o uso do sal, grelha, refogar, sopas, forno, cozinham os alimentos, tudo foi ponto de partida para as nossas refeições. Os indígenas deixaram como base a alimentação brasileira, a farinha de mandioca, a macaxeira, aipim, milho, batata-doce, todos assados ou cozidos. Os peixes também eram apreciados, às vezes cozidos, mas na preferência assados e conservadas as vísceras.

Quanto à bebida, os portugueses conheciam a bebida destilada, feita das frutas e armazenada nos alambiques. O africano trouxe o vinho de palma, extraído da seiva do dendezeiro, o vinho de milho, o vinho de mel que eram guardados em cabaças com água. Os negros adoraram a bebida destilada do mel do açúcar, que era uma invenção dos portugueses, passando a se chamar cachaça. Surgiu no século XVII às barras das espumas do caldo depois da primeira fervura que servia para os animais.

A bebida mais popular brasileira tornou-se a cachaça, assim denominada no século XVIII no plano de expansão e consumo. Foi a primeira bebida destilada pelos portugueses, levando os vinhos indígenas a desaparecerem do uso normal da sociedade que se ampliava.

Assim, a alimentação foi se adaptando ao tipo de colonização de cada região, de cada estado ou cidade, formando a identidade gastronômica de cada espaço territorial do Brasil.

*O folclore das cozinhas está desaparecendo, mas os vestígios denunciam a perda importância anterior. **Simpatias** para não queimar a comida e tabus para o fogo conservar-se equilibrado no cozer ou assar. (CASCUDO, 1980, p.114)*

A cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, não poderia ser diferente das outras cidades. Nosso estado está presente em 80% das receitas culinárias do Brasil com o sal, o que nos dá um grande reconhecimento.

A carne e o peixe são especialidades do estado, devido ao interior e ao litoral. A tradicional carne de sol é conhecida em todo o país, os peixes, camarões e os caranguejos também estão presentes nas especialidades.

A cidade tem também seus pratos típicos, como a dobradinha, feita com o “livro” ou “folhoso” do animal junto com as mãos; o jerimum, que é cozido e servido com manteiga de garrafa, leite ou transformado em doce; a paçoca, que é servida com banana leite e queijo de coalho; a ova de curimatã (peixe vindo dos açudes e barragens do interior do estado); a famosa tapioca com peixe (ginga), tradicional do outro lado do rio Potengi, encontrada no mercado, que Lima (1999, p.103) retrata,

Na Redinha, do outro lado do Potengi, há um mercado público que não se vende frutas, verduras, carnes. Vende apenas, nos seus oito boxes, tapioca com peixe(ginga) e o famoso caldo de cabeça de cação. O bairro se revoltou quando o prefeito quis mudar a finalidade do mercado. Os habitantes venceram a disputa e o velho casarão à beira-mar continua oferecendo tapioca com ginga frita, cachaça e conversa fiada.

Sendo até hoje oferecido a população o mesmo cardápio, apenas com algumas modificações no mercado, que de oito boxes foi ampliado para onze. Além desses pratos, existe o doce de mamão com

coco, a umbuzada que é feita com umbu, fruta da terra misturada ao leite em uma receita especial e a cachaça com caju, que pode ser apreciada na praia junto com o caranguejo.

Assim retrata-se a culinária natalense, cujas técnicas no preparo de carnes e peixes têm cuidados especiais e até mesmo particularidades, pois não se admite comida esturricada ou assada excessivamente. Contudo, conserva-se a simplicidade dos seus componentes que fortalece a sua identidade local.

Esses elementos são muito utilizados dentro dos eventos para proporcionar aos participantes o contato com a identidade local, trazendo mais conhecimentos aos que apreciam a diversidade cultural existente, principalmente no que se diz respeito a gastronomia, pois, independente do tipo de evento, sempre será encontradas comidas que fazem parte da identidade do local.

Quando se pensa na utilização desses elementos se faz necessário um levantamento dos espaços que serão utilizados para apresentação adequada. Falamos então na coordenação logística do planejamento, que irá mapear todo o local do evento, definindo a montagem geral para que sejam explorados com a maior precisão a diferenciação dos elementos apresentados.

2.1.3. Modo de vida

No século XVII, de acordo com Lima (1999) o povo natalense vivia os mesmos costumes da sociedade rural portuguesa, onde o pai de família determinava tudo o que era correto. As mulheres eram analfabetas para não se corresponderem com os futuros amores e comiam depois dos homens. Eram educadas para comandar a casa e os homens eram responsáveis por todo o sustento. Os escravos carregavam água, traziam lenha, cuidavam das lavouras, pois todas as famílias tinham sítios nas proximidades.

Durante todo esse século, não houve modificações, as mulheres distraíam-se fazendo rendas ou doces. Ao visitarem alguém, tinham que ser anunciadas antes, e quando elas participavam das visitas, era

para passar o dia trocando informações de culinária e ajudando a anfitriã. Os homens não passavam da sala de visitas, o almoço era servido às nove horas, jantava-se às quinze horas e ceava-se ao escurecer.

As modificações ocorreram lentamente, as navegações trouxeram a influência francesa, principalmente no vestir: os homens admitiram chapéus altos, os casacos mais apertados e começaram a participar das alegrias oficiais e públicas.

As saídas noturnas eram raras e, quando aconteciam, um escravo ia abrindo caminho com a luz. Não existia um mercado contínuo, as casas eram supridas por suas despensas que continham iguarias familiares.

Entre os séculos XVIII e XIX, aconteceu o período de transição na cidade, as mulheres começaram a se trajar de acordo com a sociedade européia: os pentes de marfim trabalhados em tartaruga eram fixados aos cabelos femininos e os tecidos manufaturados na Inglaterra foram trazidos para combinar com os sapatos de velbutina com fivelas.

Às nove horas da noite, encerrava-se a vida pública nas ruas, com o toque do tambor que ficou conhecido como *caixa das nove*. Era proibido parar nas esquinas, nos quintais e nas ruas; depois do toque de recolhida, quem estivesse na venda ou taverna era preso e pagava multa e, se fosse escravo, era encaminhado para o calabouço.

Os bailes vieram depois de 1850: o baile oficial em 1862, no Atheneu, e a inesquecível comemoração da subida do partido conservador, no dia 02 de dezembro de 1868, com gelo e bebida gelada. Como traje social só era permitido usar preto e casaca, o banho de mar só era feito quando solicitado pelo médico.

Depois de 1870, com o retorno dos Voluntários da Pátria, os vapores mensais da Companhia de Pernambuco, trouxeram notícias do exterior.

Tudo era tranquilo, as notícias chegavam por rádio ou por trem, toda a sociedade natalense centrada no cotidiano de seus costumes. Cascudo (1999, p.88) retrata bem esse período: “havia a *abrideira*

cachcinha apreritiva, (sic) em fortune copo de vinho tinto. Água era bebida durante a refeição”.

Após a segunda guerra, a sociedade natalense mudou, a influência americana tomou conta da cidade, modificando alguns hábitos dos moradores, como o modo de vestir, falar, comer.

Lima (1999, p. 78) retrata:

Natal mudou, a fala, o comportamento, a comida, a bebida, o vestir, a religião. A cor dos olhos. Do louro cabelo pixaim se dizia ser filho de lavadeira com americano, no tempo da guerra.

Os homens da cidade abandonaram o paletó, gravata e chapéu e começou a usar camisa esporte. Aprenderam a beijar na boca na rua e iam à praia todos os dias. Beber cerveja ou coca-cola na boca da garrafa, usar perfume francês e relógios suíços virou mania na população.

As mulheres começaram a usar calça comprida e bermuda, deixaram de ir a bailes e festas sozinhas e aprenderam outros ritmos de dança como a rumba.

Assim foi se formando a sociedade natalense, sempre com a influência americana misturada com a portuguesa e a indígena existente. A aculturação aconteceu levando em consideração todos os fatores culturais da época, consolidando-se a atual estrutura social, com todos os costumes e modificações, sendo um diferencial na execução de eventos na cidade, pois existem muitos participantes que além de participarem do evento em si também participam da cultura local, fazendo uma troca de conhecimentos.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pluralidade dos fatores que formam a cultura intangível da cidade de Natal, foi observada que a população tem que se conscientizar da importância da conservação desse patrimônio, no qual só pode ser conservado através da memória do povo. Para que essa memória não se apague, é preciso a continuação por meio dos ensinamentos dos mais velhos e uma maior apresentação à população local por meio de festivais ou locais apropriados à apresentação e conservação do Patrimônio Cultural.

Melo Neto (2001, p. 15) aborda que,

A criatividade em eventos é uma modalidade de “criatividade artística”. Isso significa dizer que a pessoa que cria eventos é fundamentalmente um artista. E qual é a sua arte? É a arte mais abrangente de todas – a arte do entretenimento.

Para a utilização em eventos é fundamental um planejamento adequado para a utilização desses elementos, pois se deve ter cuidado com a forma de apresentação desse patrimônio para que não se torne apenas um show para os turistas verem, pois eles querem observá-lo na forma mais natural e cotidiana possível, daí a importância da criatividade do organizador de eventos em utilizar os traços culturais da localidade, sem modificar a sua essência.

O Patrimônio Cultural intangível é um diferencial turístico marcante, mas deve ser apresentado na forma tradicional para não perder a qualidade e o valor que realmente possui.

Eventos é uma nova e eficiente maneira alavancagem de qualquer negócio, seja profissional ou pessoal. Sendo utilizados fatores muito importantes como componentes que façam a diferença, que fortaleçam destinos e agreguem mais valor ao que está sendo apresentado ao público, que está cada vez mais exigente. Melo Neto(2001, p. 111) destaca que,

Os eventos criam, recriam, inovam e reinventam. Não são mais simples performances, mas acontecimentos e agentes transformadores de toda uma sociedade.

A cidade de Natal é mais vendida por suas praias e dunas, portanto tem que se agregarem os valores culturais, para aumentar o seu diferencial, principalmente o patrimônio intangível, pois ele atinge com maior facilidade o turista, aguçando sua curiosidade, levando-o a outros municípios do interior do estado, pois cada item integrado a um evento enaltece e valoriza suas origens.

Os resultados obtidos nas pesquisas bibliográficas mostram a diversidade existente no patrimônio cultural intangível e como a conservação desse patrimônio é importante para a cidade de Natal, pois como o setor de eventos está em pleno crescimento na cidade, se faz necessário um melhor aproveitamento e um planejamento mais adequado, pois ela é rica e marcante para a história, tanto a do Brasil como a local.

Esse patrimônio precisa ser mais divulgado à população local para que se torne mais presente e assim ativada na memória coletiva de toda a sociedade, pois para que a população possa apresentar sua cultura para o turista, precisa conhecê-la, admirá-la e não ter vergonha de suas representações culturais, seja a cultura material e imaterial, tornando-as presente em seu dia-a-dia e ensinado as gerações futuras a importância da conservação do Patrimônio Cultural da cidade em que vive e demonstrada nos eventos como fator de diferenciação e orgulho para os moradores da capital do Rio Grande do Norte, favorecendo cada vez mais o crescimento do setor de eventos, que cada vez mais é exigido criatividade por parte do seu organizador.

Conclui-se, assim, que a cultura imaterial e os eventos andam paralelos e é um dos fatores para se chegar ao sucesso de um evento, pois é através desses elementos que o promotor pode colocar a disposição do participante traços da localidade no qual o evento está inserido, além de colaborar para a preservação desse tipo de cultura.

4 - BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRÁFICA

ATAÍDES, Jézus Marco de, MACHADO, Laís Aparecida, SOUZA, Marcos André Torres de. **Cuidando do patrimônio cultural**. Goiânia: UCG, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**. 2 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1980.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Meleagro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

CESCA, Cleuza G. Gimenes. **Organização de Eventos**: Manual para planejamento e execução, 2º edição. São Paulo / SP, Ed. ABDR, 1997.

GURGEL, Deífilo. **Espaço e tempo do folclore potiguar**. Natal: Prefeitura de Natal / FUNCART, 1999.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Natal**: biografia de uma cidade. Rio de Janeiro: Lidador, 1999.

MELO NETO, Francisco Paulo de. **Criatividade em Eventos**, 2º edição. São Paulo: Contexto, 2001.

NAKANE, Andréa. **Técnicas de Organização de Eventos**. Rio de Janeiro RJ: Infobooks, 2000. (cadernos técnicos de turismo)

NORONHA. A. Vasconcelos. **Sociologia**. 3 ed. Guarulhos / SP: SOGE, 1998.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOARES JÚNIOR, José. Nossos bens imateriais agora são patrimônios culturais brasileiros. **Tribuna do norte**, Natal, 20. agosto. 2000. Caderno viver, p. 1 – 4.